

# Iluminação e desaprendizagem

## Influência do Zen-Budismo no pensamento educacional de Rubem Alves

Reuber Gerbassi Scofano\*

\* Professor adjunto de Filosofia da Educação da Faculdade de Educação da UFRJ.

### Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar a influência do pensamento oriental, especialmente do Zen-Budismo, no pensamento educacional de Rubem Alves.

Demonstraremos como o conceito de *Iluminação*, que é fundamental para a compreensão da proposta de resignificação da educação defendida pelo autor, é na verdade um conceito inspirado na filosofia budista. Presente em suas obras de filosofia da religião, o conceito migrará para suas obras educacionais, tendo um papel importante no processo de *Desaprendizagem* por ele proposto.

Em um primeiro momento apresentaremos de forma sucinta como ele está presente no contexto do Zen-Budismo e em seguida como ele se desenvolve no pensamento educacional de Rubem Alves.

### A iluminação no Zen-Budismo

Embora existam diversas formas de expressão do Budismo, entre as quais o tibetano, tão bem representado e divulgado pelo Dalai

Lama, comentaremos apenas o Zen-Budismo, pois este é referência constante no pensamento de Rubem Alves.

Segundo Varenne (1986) Zen é a tradução japonesa do vocábulo chinês *Tch'an* (traduzido do sânscrito *dhyana*, literalmente, 'meditação'. O *Tch'an* foi uma escola budista chinesa que surgiu durante o período da dinastia Tang (618-917) e se propagou por toda a China de forma avassaladora superando rapidamente outras correntes do Budismo.

Devido a forte repressão que o Budismo sofreu por volta do ano 845, o *Tch'an* sofreu gradativo enfraquecimento. Seu ensinamento original apoiado no discurso direto, abrupto e espontâneo, só teve chance de se revigorar e sistematizar na dinastia Song (906-1279).

O *Tch'an* chegou ao Japão por volta do século XII e foi difundido por duas seitas denominadas Rinzai e Soto. Os japoneses fizeram então uma adaptação da pedagogia dos mestres chineses, insistindo na postura de meditação assentada (*zazen*) e na resolução de enigmas verbais (*Koans*).

Nas primeiras décadas do século XX, missionários japoneses começaram a divulgação do Zen na América do Norte, especialmente na Califórnia.

Nos anos 50, os movimentos de Contracultura contribuíram para a popularização do Zen-Budismo, que se tornou a filosofia dos jovens que se revoltaram contra a sociedade industrial. A partir daí a divulgação do zen aconteceu no mundo todo.

O Zen não é um sistema fundado na lógica e na análise. É antípoda da lógica e do modo dualístico de pensar. Nada tem a ensinar, no que se refere à análise intelectual, nem impõe qualquer conjunto de doutrinas a seus seguidores. Nesse sentido o Zen é caótico. Seus adeptos podem formular conjuntos de doutrina, formulando-as, porém por sua conta e para benefício próprio e não do Zen. Portanto não há livros sagrados no Zen nem tampouco assertivas dogmáticas ou qualquer forma simbólica através da qual se obtenha acesso à sua significação. Qualquer ensinamento que exista vem mediante nossa própria mente. Ensinamo-nos a nós mesmos. Ele apenas sugere o caminho. A menos que consideremos este sugerir como ensinamento, nada há no Zen propositalmente

estabelecido como doutrina primordial ou filosofia fundamental. O Zen sustenta ser budista, mas todos os ensinamentos budistas, do modo como são propostos nos seus textos, são tratados como mero papel, cuja utilidade consiste em limpar o lixo do intelecto, e nada mais. Entretanto ele não é niilista nem tampouco auto-destrutivo. Quando se afirma que o Zen não tem filosofia, que nega toda autoridade doutrinária e que põe de lado toda a literatura sagrada, não se pode esquecer que ele está sustentando através dessa negativa, algo que afirma cria e constrói.

O Zen-Budismo não é uma religião, no sentido em que geralmente é compreendido o termo. Não cultua nenhum deus, não executa nenhum rito cerimonial, nem aponta nenhum lugar para onde os mortos se destinam. É totalmente livre de qualquer entrave dogmático, religioso ou filosófico.

Quando se diz que não há deus no Zen, isso não quer dizer que o Zen negue sua existência. Tanto a afirmativa quanto a negativa da divindade não importam ao Zen, pois, quando algo é negado, a própria negativa envolve algo que não é negado. O mesmo pode ser dito com relação à afirmativa.

A proposta do Zen é disciplinar a mente por si mesma, fazê-la seu próprio mestre através de uma visão introspectiva na sua própria natureza. Este aprofundamento na natureza real de sua própria mente ou alma é a busca fundamental do Zen-Budismo. Ele é mais do que mera meditação, sua prática consiste em abrir o olho mental, a fim de olhar a própria razão da existência. Busca a conquista da liberdade, a libertação de todo e qualquer impedimento não natural. Não existe objeto no Zen ao qual possa fixar-se o pensamento. Ele deseja a mente livre e desobstruída. Qualquer teorização falha ao tocar a realidade por isso ele desafia os conceitos. Percebe ou sente, não abstrai nem medita. O zen penetra e é finalmente perdido na imersão. A meditação, por outro lado, é dualista e superficial.

O Zen é extremamente evasivo no que diz respeito aos seus aspectos exteriores. Basta julgarmos tê-lo capturado e num relance ele não está mais ali.

Tudo que aparenta ser uma autoridade externa é rejeitado pelo Zen. Qualquer autoridade que possa ter o Zen provém de dentro.

Mesmo a faculdade do raciocínio não é considerada final ou absoluta. Ao contrário, ela impede a mente de entrar em comunicação direta consigo mesma. O intelecto realiza sua missão quando age com intermediário, e o Zen nada tem a ver com intermediários, exceto quando deseja comunicar-se com os outros. Por essas razões, todas as escrituras são meramente tentativas provisórias. Não há finalidade nelas. O fato central da vida como ela é vivida é o que o Zen deseja captar e assim mesmo da maneira mais direta e vital. Ele abre os olhos do homem para o grande mistério que diariamente lhe é apresentado.

O Zen quer que adquiramos um ponto de vista inteiramente novo, a fim de que possamos olhar os mistérios da vida e os segredos da natureza. Isto porque ele chegou á conclusão de que o processo lógico comum é impotente para satisfazer nossas necessidades espirituais mais profundas.

Geralmente, pensamos a partir de uma lógica apoiada na identidade de forma que 'A' é 'A' e que a proposição 'A' é 'B' é impensável. Nunca podemos quebrar estas condições de nossa compreensão. Mas, vem-nos o Zen e declara que as palavras são palavras e nada mais. Este desligar da tirania do nome e da lógica é, ao mesmo tempo, uma emancipação espiritual, pois a alma não é mais dividida em si mesma...

Adquirindo a liberdade intelectual, a alma está de plena posse de si própria. Até aqui as coisas eram vistas em seus aspectos contraditórios e diferenciadores, porém esse antagonismo é superado. O Zen lida com fatos e não com suas representações lógico verbais preconcebidas e deformadas.

O Zen, por diversas vezes, compara a mente a um espelho livre de manchas. Ser simples, portanto, significa manter este espelho sempre brilhante e limpo, pronto para refletir pura e simplesmente o que dele se aproximar. O resultado, por exemplo, será reconhecer uma cadeira como sendo uma cadeira e, ao mesmo tempo

***A proposta do  
Zen é disciplinar a  
mente por si mesma,  
fazê-la seu próprio  
mestre através de uma  
visão introspectiva.***

como não sendo uma cadeira. Ambas são verdadeiras no Zen. Segundo essa filosofia, somos demasiado escravos da palavra e da lógica. Enquanto permanecermos assim escravizados, seremos limitados e sujeitos a indizíveis sofrimentos. Por isso devemos nos libertar definitivamente de todos os condicionamentos. Temos de fazer o possível para conquistarmos um novo ponto de vista a partir do qual possamos ver o mundo de forma distinta.

## ○ Koan

*Koan* significa literalmente documento público ou estatuto autorizado. Este termo, segundo Suzuki (1969), entrou em voga no fim da dinastia Tang. Atualmente é utilizado para designar uma anedota ou uma afirmação ou indagação feita por um mestre, visando abrir os olhos do discípulo para a verdade Zen. O *Koan* funciona como fermento. Quando alcança as condições favoráveis, a mente desabrocha por si só e faz surgir o *Satori*. Trata-se de um instrumento para abrir a mente a seus próprios segredos.

*“Hakuin costumava mostrar uma das mãos e mandava que seus discípulos escutassem o ruído. Comumente, ouve-se um som, quando batemos as duas mãos, e como é óbvio, não poderá ser obtido som algum provindo de uma só mão. Hakuin desejava, No entanto, ferir a raiz da nossa experiência diária, constricta nas chamadas bases lógica e científica. Este terremoto inicial é necessário à construção de uma nova ordem baseada na experiência do Zen.” (SUZUKI, 1969:130)*

A finalidade última do *Koan* é a de abrir as mentes e transcender o dualismo dos sentidos. Ele é feito para fechar todos os possíveis acessos à racionalização. Quando quebra todos os obstáculos para chegar à verdade última, percebemos que não há lugares ocultos da mente. Tem como objeto levantar dúvida, impulsionando-a até os últimos limites. Isso permite ao indivíduo uma visão do autêntico funcionamento das coisas.

O *Koan* é um relato ou uma ação que provoca uma situação paradoxal, enigmática, aparentemente incompreensível em que as res-

postas pareçam estranhas, inconciliáveis com os dados prévios. Provoca um bloqueio dos mecanismos de pensamento discursivo e abre um silêncio, um vazio lícido que anula a formulação lógica. É uma provocação, uma ocasião que enseja o pretexto de um mergulho da mente no interior de si mesma e um estímulo para se colocar o interlocutor num estado de urgência, um questionamento duro, sem recurso racional. Perturba o intelecto, põe a razão em curto circuito, paralisa o senso crítico e suas referências verbais. Razão e memória vêm-se interditas.

O emprego intempestivo do *Koan* demonstra o absurdo do tratamento lógico, revela sua incoerência fundamental e sustenta a atenção interrogativa. Abole a comunicação dita normal entre falante e ouvinte. Na realidade, as palavras não significam coisa alguma, dissolvem-se instantaneamente na fonte original. Entretanto a compreensão fulgurante desse ‘nada’, abre paradoxalmente uma plenitude silenciosa que abole o discurso. Revela que o mundo, tal qual o conhecemos, é mera dependência da linguagem.

Ao quebrar a articulação arbitrária que as palavras mantêm entre si, o Zen visa à percepção pura, à abertura sem limites que está para além da língua.

A realidade é pré-lingüística. O hábito, a educação, a cultura alimentam sem cessar a palavra discursiva que se sobrepõe ao real. Toda palavra é vazia de sentido, não tem substância e é determinada pela relação com outras palavras também vazias.

O *Koan* abre a câmara secreta da mente, onde os discípulos encontram o inimaginável.

Enquanto a mente não estiver livre para perceber o som produzido por uma só mão, estará dividida em si mesma.

Após a discussão de pontos de vista com o mestre o discípulo chega ao fim de seus recursos. Atinge então, uma espécie de beco sem saída, que para Suzuki, é o verdadeiro início do Zen. Quando

***A realidade é pré-lingüística. O hábito, a educação, a cultura alimentam sem cessar a palavra discursiva que se sobrepõe ao real.***

o *Koan* alcança esse ponto, considera-se que ele cumpriu metade de sua função. O choque inesperado abre um sentido interno que possibilita ao indivíduo uma nova visão do funcionamento das coisas. A mente então vivencia o *Satori*, ato de percepção que ressignifica os objetos e o mundo. Aqui reside o valor da disciplina Zen, pois nessa nova postura, passam a ser valorizadas coisas que antes nos escapavam.

## O *satori* ou iluminação

O Zen-Budismo tem como base a *Iluminação* do Buda. No entanto, os ensinamentos do Buda, tal como foram passados para os textos budistas, não receberam tal prioridade Zen. Isto reflete a profunda desconfiança do Zen quanto à palavra e sua capacidade de transmitir conhecimento. Não obstante, aquilo que não pode ser transmitido pela palavra pode ser transmitido pela ‘visão direta’.

Ensina o Zen que o *satori* deve vir de dentro, deve ter sua origem no coração do indivíduo. Para os mestres Zens, os ensinamentos de Buda só podem nos levar até uma parte do caminho. Podem ensinar o rumo certo, mas o importante é vislumbrar aquilo para onde apontam, o *satori* em si. Muitas vezes estamos mais interessados no dedo que aponta do que naquilo que ele mostra. É mais fácil manifestar maior preocupação com as idéias ou os rituais religiosos do que com a experiência religiosa que é objeto dessas idéias e desses rituais. Aqui o método de ‘apontar diretamente’ pode ajudar a obter uma compreensão espontânea da realidade, uma percepção sem restrições, que não precisa de palavras.

Uma vez que o *satori* deve vir de dentro, o Zen-Budismo não tem nenhuma fórmula fixa para alcançá-lo. Mas ele pode chegar quando menos se espera e atingir a pessoa como um raio:

*“Satori é o súbito relâmpago da consciência de uma nova verdade jamais sonhada. É uma espécie de catástrofe mental, ocorrendo num instante, após o empilhamento de materiais intelectuais e demonstrativos. O empilhamento atingiu o limite da estabilidade, todo edifício ruiu até o solo, e então um novo céu se abre para nós. Quan-*

*do o ponto de congelamento é alcançado, a água subitamente se transforma em gelo. O líquido torna-se sólido e não mais flui livremente. O Satori chega até o homem sem que este o perceba. Quando ele exauriu todo o seu ser. É um renascimento, religiosamente falando. Intelectualmente, é a aquisição de um novo ponto de vista. O mundo aparece-nos vestido numa roupagem diferente, que parece cobrir todos os dualismos, considerados ilusórios na fraseologia budista.” (Ibid., p.119)*

É como a piada que de repente se compreende. De súbito, a pessoa ‘desperta’ e fica consciente de que faz parte do infinito, de uma maneira inteiramente nova. Isso não vem gradualmente, com o tempo. Quando ela chega de fato, é total. Sua manifestação não está ligada nem mesmo à meditação. Uma experiência mundana qualquer também pode acabar levando, com igual facilidade, ao objetivo desejado.

As noções fixas podem ser um obstáculo para o *Satori*, portanto um pré-requisito é a mente se esvaziar de palavra e idéias. O importante no Zen é romper com a lógica do discípulo e com seus processos conceituais de pensamento:

*“Discípulo: Qual o caminho para a libertação ?*

*Mestre: Quem está te acorrentando?*

*Discípulo: Ninguém está me acorrentando.*

*Mestre: Então, por que queres ser libertado?”*

*(GAARDER, 2000:73)*

O *satori* é a razão de ser do Zen e sem ele o Zen não seria Zen. Portanto, qualquer obrigação, quer disciplinar ou doutrinária, é dirigida para a obtenção do *Satori*. Os mestres Zen não esperariam pacientemente que o *Satori* viesse por si mesmo esporadicamente, ou pelo próprio prazer. No seu ardor de auxiliar os discípulos na busca da verdade do Zen, as suas manifestações, aparentemente enigmáticas, foram designadas para criar um estado mental que mais sistematicamente abrisse um caminho à *iluminação*.

No Zen tem de haver *satori*. Tem de haver uma revolução que destrua as antigas acumulações do intelecto e lance novas funda-

**Rubem Alves é um ferrenho crítico do modelo educacional brasileiro. Segundo ele, as ciências foram privilegiadas como base do conhecimento em detrimento da filosofia e da arte, e isso teve repercussões drásticas.**

ções para uma nova vida. Tem de haver um novo sentido que revisará as coisas antigas e as olhará de um novo ponto de vista antes insuspeitado.

Uma outra característica do Zen é a sua atitude positiva para com as tarefas mundanas. Em consequência disso, muitos mestres Zen destacam que o trabalho rotineiro pode ser usado como um exercício de meditação. A

prática consciente de uma rotina manual qualquer pode ser tão favorável para a *iluminação* quanto a meditação e os rituais presentes em outras manifestações religiosas. Por esse motivo, ocupações aparentemente triviais como tomar chá, fazer arranjo de flores e cuidar do jardim passaram a ter grande importância no Zen-Budismo. No Japão, práticas como o Judô, a música, a poesia (*haikai*) e o teatro também estão intimamente ligadas ao Zen.

## Iluminação e desaprendizagem em Rubem Alves

Rubem Alves é um ferrenho crítico do modelo educacional brasileiro. Segundo ele, não sem razão, as ciências foram privilegiadas como base do conhecimento em detrimento da filosofia e da arte, e isso teve repercussões drásticas na educação. Mas é preciso perceber que os problemas não se encontram no nível da consciência que resiste aos processos de integração e sim na própria organização social que força e perpetua esses problemas. Daí impõe-se considerar a necessidade de mudanças sociais e a educação, ao invés de ser dirigida para a integração, deveria criar a consciência inquieta e criativa, que exatamente por ser desajustada, teria condições para pensar transformações. Faz-se necessário uma pedagogia apropriada para o desenvolvimento de uma nova postura educacional que não privilegie apenas o racionalismo. É preciso reaprender as lin-

guagens do amor, da alegria, da emoção e trazê-las para a escola. Não podemos continuar tratando a educação como algo frio, técnico e quantificável.

A finalidade da educação para Rubem Alves, portanto, não pode ser a mera transmissão de conhecimentos ou a preparação para um futuro distante e incerto. A educação deve, em primeiro lugar, ajudar o aluno a redescobrir a alegria de viver que muitos de nós já perdemos e que nos tornou pessoas acomodadas, alienadas e domesticadas pela sociedade de consumo.

Quem lê os livros de Rubem Alves como *Estórias de quem gosta de ensinar*, *Conversas com quem gosta de ensinar*, *A alegria de ensinar*, *Conversas sobre educação*, *Entre a ciência e a sapiência* e *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* entre outras, vive plenamente a sensação de abertura de um novo olhar sobre a educação. Transita invariavelmente pela experiência da *iluminação*. Desaprende uma série de maneiras de ver e de ter posturas que ainda são hegemônicas em nossa educação. Passa a contestar a cumplicidade Saber-Poder, articulando o pensamento crítico e contestador com uma prática libertadora, inventando e recriando novos saberes e fazeres. Busca relacionamentos que sirvam para a expansão de afetos e a diluição de poderes.

A simplicidade das pequenas coisas do cotidiano, o amor, o desejo, o lúdico e a singularidade passam a ser valorizados, sem em nenhum momento abrir mão de uma ética solidária.

O racionalismo, o positivismo e o historicismo passam a ser relativizados, especialmente quando não trazem contribuição para uma reformulação total de nossa conduta. Valoriza-se a subjetividade não mais calcada no ideário iluminista, mas que passa a privilegiar o imaginário poético, o inconsciente, a emoção, o afeto e a corporalidade. A subjetividade do corpo passa a ser tratada com o mesmo respeito e valor que se deu ao *cogito* na cultura ocidental. Ambos passam a servir como referencial para formação de uma nova mentalidade.

O conceito de *iluminação* e a resignificação que este provoca é algo fundamental no pensamento de Rubem Alves e tem íntima relação no âmbito educacional com a idéia de *desaprendizagem*. Este

## ***Não podemos continuar tratando a educação como algo frio, técnico e quantificável.***

conceito aparece na obra do autor especialmente em suas reflexões sobre o sagrado, tais como *O que é religião*, *O enigma da religião* e o *Suspiro dos oprimidos*, entre outras, e permeia toda a sua produção posterior, principalmente as obras educacionais.

Em suas instigantes reflexões sobre o fenômeno religioso o filósofo aponta um aspecto central na separação entre o mundo sagrado e o mundo profano. O que caracteriza o mundo profano é a predominância das coisas concretas e visíveis como comida, dinheiro, compromissos e trabalhos do cotidiano. Porém, quando entramos no mundo do sagrado, descobrimos que uma transformação se processa. Nesse mundo, a linguagem se refere às coisas invisíveis, coisas para além dos nossos sentidos comuns que somente os olhos da fé podem contemplar:

*“O Zen-Budismo chega mesmo a dizer que a experiência da iluminação religiosa, Satori, é um terceiro olho que se abre para ver as coisas que os outros dois não podem ver.” (ALVES, 1981:20)*

Temos fisicamente dois olhos que nos garantem a percepção visível. O terceiro olho seria o que adquirimos com a *iluminação*.

É ao invisível que a linguagem religiosa se refere quando nos remete ao céu, às profundezas do inferno, aos fluidos e influências que trazem cura, a Deus ou ao paraíso entre outras imagens. Estas entidades não podem ser vistas com o olhar profano. Uma pedra, por exemplo, é algo fartamente encontrado na natureza e nada tem de religioso. Porém, se alguém lhe nomear com a palavra altar, ela passa a ter uma aura de mistério e aos olhos da fé pode estabelecer conexões invisíveis com o sagrado:

*“Pão como qualquer pão, vinho como qualquer vinho, poderiam ser usados numa refeição ou orgia : materiais profanos inteiramente. Deles não sobe nenhum odor sagrado. E as palavras são pronunciadas: Este é o meu corpo, este é meu sangue e os objetos*

visíveis adquirem uma dimensão nova e passam a ser sinais de realidades invisíveis. (*Ibid.*, p.21)

Os símbolos passam a ter um papel fundamental neste processo, pois são eles que transformam as coisas do mundo profano em coisas do mundo sagrado e isto responde a uma necessidade vital do ser humano. Uma necessidade básica, tão essencial quanto a nutrição ou a reprodução. Trata-se da necessidade de viver num mundo que faça sentido.

Quando, por algum motivo, os esquemas de sentido entram em colapso, ingressamos no mundo da loucura. Não é a dor que desintegra a personalidade, mas a dissolução dos esquemas de sentido. Os homens não vivem só de pão, mas também de símbolos. Sem eles e a nova visão que trazem, não haveria ordem nem sentido para a vida e isso com certeza abalaria a própria sobrevivência humana. Podemos verificar, então, que a experiência da ressignificação das coisas do cotidiano é um ponto chave na concepção de sagrado no pensamento de Rubem Alves. Este processo de ressignificação que sucede à *iluminação* é vital e esclarecedor na consolidação do seu pensamento pedagógico também. Em seu livro *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*, o filósofo fala sobre desenvolvimento de uma nova maneira ver diferente do olhar que rege o mundo do senso comum. Isso implica uma nova maneira de encarar a educação. Toma como exemplo a postura dos mestres do Zen-Budismo. Eram mestres que como vimos anteriormente, não tinham a pretensão de ensinar coisa alguma. O que desejavam era ‘desensinar’. Tampouco queriam avaliar a aprendizagem:

*“Avaliações de aprendizagem? Nem pensar. Mas estavam constantemente avaliando a desaprendizagem dos seus discípulos e quando percebiam que a desaprendizagem acontecera, eles riam de felicidade...”* (ALVES, 2001:27)

Esses mestres ‘desensinavam’ de modo que os discípulos pudessem ver como nunca tinham visto. Evocando o filósofo Friedrich Nietzsche, afirma que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver.

O ato de ver não é função natural. Precisa ser aprendido, apesar de os olhos serem órgãos anatômicos que funcionam segundo leis da física e da ótica. O que vemos não é o que vemos e sim o que somos. É necessário ser diferente para se ver diferente:

*“Prisioneiros da linguagem, só vemos aquilo que a linguagem permite e ordena ver. A visão é um processo pelo qual construímos nossas impressões óticas segundo o modelo que a linguagem impõe.” (Ibid., p.27)*

Para ser diferente é inútil refinar a linguagem ou as teorias. O refinamento das teorias só aumenta a clareza da mesmice. A pedagogia dos mestres Zen diferentemente visava desarticular a linguagem. Após essa desarticulação, os olhos eram libertados dos saberes e ganhavam a pureza dos olhos de criança, passavam a ver coisas que nunca haviam visto. Rubem Alves considera a Psicanálise como uma versão moderna da pedagogia Zen, pois, segundo Freud, os neuróticos eram pessoas ‘possuídas pela memória’, memória esta que os tornava prisioneiros do passado, não os deixando perceber a eterna novidade do mundo.

Os neuróticos seriam uma espécie de prisioneiros da mesmice. Sendo assim, por que não afirmar que a psicanálise é uma pedagogia da desaprendizagem? É preciso esquecer o que se sabe a fim de ver o que não se via. Se a terapia for bem sucedida, se o paciente conseguir desaprender suas memórias, então ele está livre para ver um mundo que nunca havia imaginado.

***Sua tentativa de pensar a educação foi no intuito de valorizar a dimensão do prazer e dos sentidos, tão desprezadas pela escola.***

Os mestres Zen nada ensinavam, pois tinham o objetivo de levar seus discípulos a desaprender o que sabiam e ficar livres de qualquer preconceito. Utilizavam como artifício pedagógico o *Koan*. Os *Koans*, na perspectiva de Rubem Alves, são ‘rasteiras’ que os mestres aplicam na linguagem dos discípulos, pois eles caem nas ‘rachaduras’ de

seus próprios saberes. Comparando essa prática Zen com a psicanálise, diz ainda que a última provoca o aparecimento da verdade quando acontece o *lapsus*. O *lapsus* é uma queda, uma fratura no discurso lógico. Quando ele acontece, surge a *iluminação*. A idéia é a de que abre-se um terceiro olho que estava fechado. Acontece o *satori* e o discípulo fica iluminado.

A estes provocadores de uma nova visão das coisas, Rubem Alves acrescenta os poetas. Os poemas são como *Koans*, fazem com que aquele que está que está lendo ou ouvindo a poesia passe a ver as coisas de uma maneira como jamais vira antes. Os poetas são aqueles indivíduos que, em meio a milhares de coisas que nos distraem, são capazes de ver o essencial e dar-lhe um nome. Isto faz com que a experiência poética seja sempre um acontecimento revelador. Aqui Rubem Alves se aproxima de Martin Heidegger, pois, para este, o *Ser* se desvela na linguagem autêntica da poesia. Na linguagem do poeta, não é o homem que fala, e sim a própria linguagem e nela, o *Ser*.

Os mestres Zen, os psicanalistas e os poetas apontam para o caminho da *iluminação* e a *desaprendizagem* que não pode ser desprezado pelos educadores.

A meu ver, Rubem Alves constrói o seu pensamento pedagógico seguindo os passos desses mestres, pois suas provocações educacionais visam exatamente a desestruturar velhas formas de ver a educação. Seu pensamento desenvolvido através de crônicas, ‘estórias’, ensaios bem humorados e cheios de afeto e apelo para o lado sensorial do homem, funcionam como um *Koan*. Este gera um impacto que em seguida desencadeia a *iluminação* e a partir desta, uma ressignificação com relação ao que pensávamos antes sobre as grandes questões relativas ao ato de educar.

Ao lermos este filósofo, somos desafiados a desenvolver um ‘terceiro olho’ e desaprendermos toda uma forma de educar que acreditávamos ser a ideal e que, no entanto provoca tanto sofrimento e enfado aos alunos.

A obra educacional de Rubem Alves nos mostra que é possível romper com tantos absurdos que acontecem na escola. Os currículos totalmente defasados e desconectados da vida real dos alunos, a divisão em disciplinas estanques, os tempos de aula, as salas, as

turmas, as provas como centro da avaliação são temas que não escapam aos *Koans* alvesianos. Tudo isso culminando com o absurdo do vestibular.

Concluo este artigo lembrando que, em *O livro sem fim*, Rubem Alves chega a chamar sua posição educacional de Pedagogia da Inconsciência, pois toda a sua tentativa de pensar a educação foi exatamente no intuito de valorizar a dimensão do prazer e dos sentidos, tão desprezadas, pela escola que ensina ao aluno como se ele só funcionasse do ‘pescoço para cima’. ■

## Referências bibliográficas

ALVES, Rubem. *O livro sem fim*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus, 2001.

\_\_\_\_\_. *Entre a ciência e a sapiência*. São Paulo: Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *Estórias de quem gosta de ensinar*. Campinas: Ars Poética, 1995.

\_\_\_\_\_. *A alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.

\_\_\_\_\_. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1984.

GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SUZUKI, D.T. *Introdução ao Zen-Budismo*. São Paulo: Pensamento, 1969.

VARENNE, Jean Michel. *O Zen*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

## Iluminação e desaprendizagem

### *Influência do Zen-Budismo no pensamento educacional de Rubem Alves*

Reuber Gerbassi Scofano

#### Resumo

Este texto busca explorar a noção de Rubem Alves de ‘Desaprendizagem’, elemento fundamental da sua pedagogia radical, com a noção do Zen Budismo da Iluminação. Crítico da pedagogia cientificista, o mineiro Rubem Alves é hoje um dos poucos pedagogos a proporem métodos não objetivantes de ensino e aprendizagem.

#### Palavras-chave

Desaprendizagem – iluminação – budismo

#### Abstract

*This paper addresses the relation between the Rubem Alves notion of ‘unlearning’, as a fundamental element from an advanced pedagogy, with the Zen Buddhism notion of Illumination. Critical of the scientific pedagogy, Rubem Alves is nowadays one of the few pedagogue to propose a radical way of teaching.*

#### Key words

*Unlearning – illumination – Buddhism*

E-mail:

[rscofan@yahoo.com.br](mailto:rscofan@yahoo.com.br)